



24° ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

**INTEGRAÇÃO DE LIVROS DE ARTISTA NA BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:
DEFINIÇÕES PRELIMINARES, PERSPECTIVAS E DESAFIOS**

***THE INTEGRATION OF ARTIST BOOKS IN LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE:
PRELIMINARY DEFINITIONS, PERSPECTIVES AND CHALLENGES***

Igor Alves Coelho – Universidade Federal Fluminense (UFF)

Carlos Henrique Juvêncio – Universidade Federal Fluminense (UFF)

Trabalho Completo

Resumo: O campo de produções artísticas encontra no livro uma vertente de provocação e veiculação de ideias, sobretudo na arte contemporânea, resultando assim nos intitulados livros de artista. Tratam-se de composições que utilizam o livro enquanto meio de expressão, em muitos casos provocando sua forma, e ampliando os discursos e veiculação da arte. Este artigo objetiva analisar o grupo de artefatos conhecidos pela designação de livros de artista enquanto objetos de investigação possível para as áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Trabalha com pesquisa bibliográfica exploratória a partir de aspectos históricos e semânticos dos objetos em questão. Considera que se tratam de materiais de alto valor para pesquisas históricas e amplitude de debates sobre a forma do livro, para além de ser um objeto de ampliação conceitual aos estudos de Informação em Arte. Pondera que há baixo desenvolvimento de pesquisas nos campos da Biblioteconomia e Ciência da Informação sobre tal, o que impacta em possíveis aspectos negativos e apagamentos em acervos diversos.

Palavras-chave: Livro de artista; Informação em arte; História do livro.

Abstract: The field of artistic production finds in the book a way of provoking and conveying ideas, especially in contemporary art, resulting in what are known as artist's books. These are compositions that use the book as a means of expression, in many cases provoking its form and broadening the discourse and dissemination of art. This article aims to analyze the group of artifacts known as artist's books as possible research objects for the fields of Library and Information Science. It uses exploratory bibliographical research based on historical and semantic aspects of the objects in question. It considers that these are highly valuable materials for historical research and for broadening debates on the form of the book, as well as being an object of conceptual expansion for Art Information studies. It considers that there is little research in the field of Library and Information Science on this subject, which has an impact on possible negative aspects and deletions in various collections.

Keywords: Artist's book; Art information; History of the book.

1 INTRODUÇÃO

O livro é um objeto múltiplo e facetado que se faz presente ao longo do desenvolvimento da humanidade como um extensor da mente humana, de seus registros, suas percepções e suas memórias. Dentro dessa história, e de forma um tanto quanto recente, estes objetos passam a receber um olhar diferenciado do campo de produções artísticas, que encontram no livro uma vertente de provocação e veiculação de ideias, sobretudo na arte contemporânea, resultando assim nos intitulados livros de artista.

Tais objetos se configuram enquanto obras de arte estabelecidas sobre o formato ou ideia do livro, estando esse suscetível a diversas variações em forma e expressão, o que acaba por criar séries de questionamentos teóricos, e em muitos casos semânticos, no que permeiam a sua produção. Enquanto objetos da arte, são fontes informacionais, sobretudo em vista da disciplina de Informação em Arte, e, portanto, povoam coleções dos mais variados tipos, tanto em bibliotecas e centros de documentação quanto em museus, podendo haver casos inclusive destes itens em arquivos. Portanto, torna-se inerente aos campos da Biblioteconomia e Ciência da Informação a demanda de olhar as configurações suscitadas por este grupo de objetos, já que, em variados casos e grande maioria, deturpam a lógica das técnicas utilizadas pelos campos no que concerne o tratamento técnico, a disseminação e comunicação destes com o público usuário.

Além disso, o objeto surge como um grande catalisador para se pensar em outros dois pontos. O primeiro se refere ao acesso das pessoas à arte, visto que são objetos que têm potencial de ampliar o contato e acesso, quando utilizados de uma forma coerente a sua natureza e concepção, a um fazer fluido ao alcançar locais fora das paredes de museus, principalmente quando falamos de livros de artista que se figuram dentro das ideias de reprodução do livro. Este é um caminho rico e muito potencial, mas que encontra diversas barreiras. Já o segundo ponto, é a relevância do objeto e seu estudo para pesquisas no campo de Informação em Arte já que:

[...] o livro de artista afirma-se como uma obra de comunicação que se dirige a um público mais vasto, enfatizando a dimensão da leitura, o predomínio do conceito, do processo intelectual, transformando-se no registro e na “exposição pública” dos procedimentos do fazer arte (Fabris; Costa, 1985).

Este artigo se caracteriza enquanto um recorte temático da dissertação do autor, defendida em Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na linha Informação, Cultura e Sociedade, e se apresenta enquanto reflexões parciais de um montante mais amplo

dentro do escopo do tema. Para desenvolvimento da temática, foi realizado um trabalho com pesquisa bibliográfica exploratória, na qual buscamos, partindo do histórico estudado ao longo da pesquisa de mestrado, analisar o grupo de artefatos conhecidos pela designação de livros de artista enquanto objetos de investigação possível para as áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Percebe-se que há poucos estudos sobre o tema dentro destas áreas, o que por vezes pode impactar no apagamento de tais materiais em acervos. Além disso, tratam-se de objetos que suscitam uma ampliação do olhar sobre o livro e um estabelecimento de novos diálogos interdisciplinares com outros campos.

No que concerne o diálogo histórico e conceitual dos objetos, foram utilizados autores do campo artístico, cenário onde se desenvolve o maior escopo de pesquisa sobre a temática, sendo eles: Drucker (2004), Phillpot (1982, 1993, 2013) e Silveira (2008). Vale ressaltar que Phillpot é bibliotecário e se tornou referência internacional no que concerne aos estudos sobre o tema. Em relação às construções de diálogos entre campos, utilizamos como base conceitual obras de: Araújo (2013), Buckland (1991), Capurro (2003) e Smit (2012).

O trabalho se divide em duas partes, a primeira focada na relação dos objetos de análise, ou seja, dos livros de artista, onde buscamos apresentar breves apontamentos sobre os conceitos que permeiam tais objetos e alguns discernimentos históricos. Na sequência refletimos sobre o papel da Biblioteconomia e Ciência da Informação enquanto ciências informacionais e documentais e seus papéis enquanto observadores e analistas dessa categoria, sobretudo no que concerne suas presenças em acervos.

2 LIVROS DE ARTISTA: DEFINIÇÕES E DELIMITAÇÕES PRELIMINARES

Elencar uma definição, tanto conceitual quanto histórica, do que venha a ser livros de artista se mostra um trabalho árduo, visto que dentro dos campos de estudos sobre o tema (especialmente no campo das artes) há séries de embates sobre o ser ou não ser que abarcam tais objetos. Como afirma Neves (2013, p. 62), “Livros de artistas estão ancorados em abismos conceituais”, e por isso as definições dos teóricos tendem a ser ora muito restritas, o que leva a exclusão de variados objetos potenciais a categoria, ora muito lúdicos, o que acaba por não estabelecer de fato uma definição própria sobre o que venham a ser tais materiais.

Para teor de direcionamento discursivo, consideramos neste trabalho livros de artista como composições, obras de arte, que estabelecem sua identidade a partir de algum ponto de espelhamento no livro, seja em seu formato, ideia ou teor de disseminação. Essa

identidade possui variações, que foi ilustrada através de um diagrama proposto por Phillpot (1993), conhecido como diagrama das frutas, onde ora estes objetos estão mais imersos no lúdico, na escultura e mais propícias a ideia e/ou imagem do que ao objeto livro propriamente dito, e hora estão mais vinculadas a página e suas possibilidades criativas através da diagramação ou montagem de sequências das páginas, ou ainda a um flutuar entre estes dois pontos.

O conceito de livro de artista não se refere a uma prática, uma técnica, mas sim a um meio de expressão, um suporte. Se pensarmos relações de comparação, estes estariam em mesmo nível que a tela para pintura, o mármore para escultura, e tantas outras possibilidades, sobretudo no cenário artístico contemporâneo. Neste suporte se imprimem inspirações do artista que pode advir de variadas técnicas e práticas, como o desenho, o registro escrito, a colagem, a pintura, a escultura, a fotografia, a documentação, entre outros, ou até mesmo a mescla de variadas técnicas.

O livro de artista, inserido no contexto do universo das artes, não escapa as suas regras, ou a ausência delas, já que a criação se constitui em muitos casos pautada na inspiração e expressão livre, e manifestada a partir de uma ou variadas técnicas em conjunto. Não há instruções a serem seguidas nem manuais que instruem a uma estrutura do fazer, já que suas formas são das mais diversas. É um conjunto de organismos dinâmicos e voláteis que se renovam a todo momento, seja pela própria ampliação de técnicas, fazeres e tecnologias, seja pela ampliação das percepções e potencialidades expansivas do livro enquanto veículo e objeto. Identificar tais obras requer um conjunto de percepções e investigações amplas.

Ou seja, todo livro de artista depende do livro para sua criação, porém, se escolhermos observar estes materiais a partir da lógica phillpotiana, o que irá defini-lo dentro de uma das categorias possíveis é a qual nível de relação se dá essa dependência da modulação do livro. Os livros de artista exigem uma renovação do olhar sobre o objeto livro, suas infinitas possibilidades criativas resultam em diversos formatos do mesmo material. Assim como cada autor tem uma gama de possibilidades de gêneros a escolher para criar e cada artista tem várias opções de tipos de arte a seguir, cada autor/artista de livro de artista possui um mini universo à sua frente. Logo cria-se uma dificuldade em definir como o material se apresenta, o que muitas vezes leva a falsos positivos ou alocação em lugares indevidos.

O termo em questão que designa a categoria de objetos acaba por se referir a partir de seu ator produtor, o artista, o que por vezes pode levar a configurações errôneas sobre os

materiais, como a concepção de que todo e qualquer livro produzido por um artista seria um objeto deste tipo, ou seja, uma obra bibliográfica produzida por um grupo específico de pessoas. Outra visão possível de leitura do termo se direcionaria a do objeto que já fez parte da coleção de um artista, o que por si só também não evidencia o caráter específico de tais composições. Segundo Phillpot (2013) outra leitura ainda seria a dos objetos tidos como *livre d'artiste*, no Brasil livro de pintor, obras específicas de finais do século XIX onde artistas colaboraram em embelezamentos de obras tipográficas. Ou seja, “[...] se tornou uma convenção chamar quase todo livro no qual um artista é responsável um ‘livro de artista’ (Phillpot, 2013, p. 185)”.

As categorias mais comuns de serem vistas são, de acordo com a obra de Plaza (1982a, 1982b), livro ilustrado; livro intermídia; poema-livro; livro-poema; livro objeto; livro conceitual; e livro documento, tendo tido como acréscimo por Coelho (2019) as categorias de livro fotográfico e antilivro. Estas não são categorias engessadas e definitivas, mas formas de ordenar em primeira instância estes conjuntos de produção, não estando eles restritos a um só, podendo um mesmo objeto compor mais de uma categoria.

Suas relações históricas também enfrentam certos confrontantes, porém, é um consenso entre teóricos que a tomada de um cenário mais abrangente destes materiais, e de uma afirmação mais concisa destes enquanto uma prática, teria acontecido em torno da década de 60 do século XX, momento em que há na História da Arte uma construção de novos olhares, sobretudo a partir da Arte Conceitual¹ e da Arte Pop². Este período não criou a concepção do livro de artista, pois este já advinha de momentos anteriores, mas foi nele que, como simbolicamente colocado por Drucker (2004), o objeto atingiu a sua maioridade (Drucker, 2004; Silveira, 2008; Phillpot, 2013).

Segundo Silveira (2008), é possível retomar no tempo histórico de forma irrestrita e identificar variados objetos que facilmente se relacionariam na alcunha de livros de artista, tais quais os cadernos de Leonardo Da Vinci nos séculos XV e XVI. Há uma distinção entre os teóricos entre o livro enquanto um veículo da arte e enquanto forma de arte. Para Drucker

¹ Para a arte conceitual, vanguarda surgida na Europa e nos Estados Unidos no fim da década de 1960 e meados dos anos 1970, o conceito ou a atitude mental tem prioridade em relação à aparência da obra. [...] O mais importante para a arte conceitual são as ideias, a execução da obra fica em segundo plano e tem pouca relevância (Arte..., 2023a).

² Na década de 1960, os artistas defendem uma arte popular (pop) que se comunique diretamente com o público por meio de signos e símbolos retirados do imaginário que cerca a cultura de massa e a vida cotidiana. A defesa do popular traduz uma atitude artística contrária ao hermetismo da arte moderna [...] (Arte..., 2023b).

(2004), livros de artista são composições conscientes do livro e da sua forma, utilizando-a como um mecanismo modulador e primário da obra de arte, o que o difere do livro meramente enquanto um veículo da arte, que apenas o utiliza como difusor, sem interrogações próprias ao meio.

Vale frisar que, o livro enquanto mídia já era um elemento utilizado em diversos movimentos ao longo da história da arte, mas nem sempre de uma forma interrogativa sobre o meio, apenas como veículo passivo, fato que Drucker (2004) e Phillpot (2013) irão demarcar como produções tradicionais e próprias do cenário do livro, principalmente atreladas a ideia do livro de arte. Segundo ambos, é em movimentos no final do século XIX e começo do século XX que há uma percepção e interrogação maior deste meio por parte de artistas e movimentos, culminando em seu estabelecimento mais estável na década de 60.

3 O LIVRO DE ARTISTA, A BIBLIOTECONOMIA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Tanto a Biblioteconomia quanto a Ciência da Informação estão sujeitas as mudanças espaço-temporais, ou seja, ao desenvolvimento e avanço das sociedades, suas prerrogativas e suas tecnologias. Estas mudanças podem influenciar diretamente suas teorias, aplicações práticas e diálogos com outras áreas, além dos seus objetos de estudo, que acabam de forma inevitável sempre se ampliando. O avanço das tecnologias digitais, por exemplo, fez com que bibliotecários e pesquisadores da Ciência da Informação renovassem os seus olhares sobre os seus objetos de trabalho e as necessidades vindouras da época, como por exemplo os recentes estudos sobre inteligências artificiais. Podemos enxergar nos Livros de Artista um caso contemporâneo similar.

É comum nos depararmos no imaginário social de que bibliotecas lidam com livros, arquivos com papéis e folhas soltas, e museus com objetos tridimensionais. Partindo deste imaginário, o livro de artista elencaria em si um conflito. São livros, logo objetos de bibliotecas, porém são em natureza obras de arte, ramo de produção comumente ligada à guarda de museus e centros culturais. Não nos deteremos sobre as dinâmicas do imaginário social, mas a reflexão das divisões de objetos frente a acervos e como se é enxergado de forma popular ilustra o confronto que tais objetos operariam em primeira instância de provocação.

Ao refletirmos sobre estes materiais enquanto documentos e o princípio de análise de suas características, podemos analisar a partir das definições encontradas em Buckland (1991) onde o livro de artista entraria inegavelmente na categoria de informação-como-coisa, onde

confere-se a objetos físicos teores informacionais, tangíveis, diferentemente das outras duas categorias elencadas pelo autor (informação-como-conhecimento e informação-como-processo), que serão tratadas como teores intangíveis.

Passamos a dialogar aqui com qualquer objeto que tenha potencial informativo e que possa trabalhar como meio informacional. Neste quesito, começamos a lidar com a ideia de documento como termo abrangente que “denota alguma fonte de informação física no lugar de limitá-la a objeto-textual num específico meio físico como papel, papiro, pergaminho ou microforma” (Buckland, 1991, p. 6).

Para Smit (2012), há duas prerrogativas importantes para a delimitação da Ciência da Informação, a primeira de que a informação, quando trabalhada no campo científico em questão, precisa ser registrada, e a segunda de que a mesma precisa ser institucionalizada, ou seja, conferida um “selo de qualidade”, termo utilizado pela autora.

Se pensarmos os paradigmas da Ciência da Informação (Capurro, 2003), sendo eles o paradigma físico, cognitivo e social; atrelados as ideias presentes em Buckland (1991), podemos relacionar ao cenário dos livros de artista, inferindo tais objetos como elementos passíveis de institucionalização e estudo no campo.

Em sua fisicalidade, representam materiais carregados de construções bibliográficas acrescidos de uma forte expressão artística em soma a identidade do que se faz livro, ao explorar suas formas materiais e as possibilidades de confecção, transcendendo inclusive, em muitos casos, a linearidade da narrativa presente nos livros tradicionais. Pelo aspecto cognitivo, exploram as formas de manuseio, interpretação e percepção, já que, muitas dessas narrativas artísticas se constroem não sobre o objeto tido como pronto, mas do manejo colocado por cada leitor singular, e a partir disto as interpretações mistas e individuais que se fazem da obra. Os livros de artista se fazem um convite a presença e a participação, tornando-os parte do processo de interpretação.

Se a informação no cenário atual só se faz válida quando passível de interpretação advinda não só dos dados e de uma documentação secundária, como também de uma capacidade linguística e enciclopédica de interpretação de quem a acessa (Smit, 2012), livros de artista e seus estudos históricos, sociais e epistemológicos carecem de um olhar cada vez maior sobre si mesmos. Enquanto objeto, função e representação, são criações artísticas carregadas de temporalidades e representações culturais micro e macro representadas,

passíveis de construções e reconstruções sobre simbologias e momentos de construção social e cultural variados no desenvolvimento artístico.

Além do que, podemos inferir que o campo de estudos da História do Livro é um fornecedor basilar à Ciência da Informação, e por extensão e em parte dos livros de artista enquanto objeto, já que este constitui uma base histórica que auxilia na confecção de contextos e práticas do meio, bem como na análise e desenvolvimento atuais do campo. Se a Ciência da Informação hoje se preocupa com o fluxo e mediações da informação (Araújo, 2013, 2017; Smit, 2012), entender a sua base constituinte do processo de disseminação informacional, bem como as dinâmicas culturais que se apossam de tais objetos, são ações de extrema importância para o campo e para o desenvolvimento de métodos e abordagens de teor contemporâneo sobre a organização e interação destes objetos hoje e de seu poderio informacional. Já que,

[...] o que definiria um objeto de estudo é, antes, uma forma específica de olhar, de enxergar os fenômenos da realidade. A partir daí, construiu-se toda uma reflexão sobre a especificidade da Ciência da Informação: **a maneira de estudar diferentes fenômenos (inclusive os arquivísticos, os biblioteconômicos, os museológicos, tanto quanto os pedagógicos, econômicos, tecnológicos, etc.).** Uma maneira específica, mobilizando determinados conceitos e métodos, naquilo que foi progressivamente sendo entendido como o olhar informacional sobre o real (Araújo, 2013, p. 15, grifo próprio).

Neste ponto, podemos inferir às concepções da disciplina Informação em Arte, que se fundamenta a partir da mescla de teorias e percepções da Ciência da Informação, Museologia e História da Arte. A disciplina em questão busca analisar obras de arte como objetos comunicacionais e informacionais a partir dos olhares sobre o Discurso da Arte, a partir de análise da obra em primeira instância e do artista, e do Discurso em Arte, a partir da produção de reflexão, documentação, pesquisas e estudos sobre a obra (Lima, 2000; Pinheiro, 2008).

Um dos grandes problemas do assunto no campo da organização da informação, principalmente em acervos nacionais, já era notado por Araújo e Santos (2014) e Barboza (2016), a ausência de estudos amplos sobre o tema. Segundo as autoras, a ausência destes estudos cria uma série de problemáticas no tratamento destes materiais, que podem culminar no apagamento ou na má adequação destes objetos dentro de acervos.

A identificação e tratamento de um livro de artista é um processo minucioso e que se desprende item a item. Por se tratarem de obras de arte estas permeiam uma série de dados que na completude da obra precisam ser levadas em consideração dentro de um sistema de

catalogação, além do que, existem os embates de posicionamento em acervos, como postulado anteriormente a partir da percepção do imaginário social. Trata-se de um conjunto de obras de alta amplitude que ora flutua entre a proximidade de objetos comumente tratados e estudados pelas óticas técnicas da Museologia, e ora em contraponto se fazem mais próximos das técnicas utilizadas pela Biblioteconomia, criando assim um contingente amorfo e que não se enquadra em totalidade e completude atualmente em nenhuma das áreas sem possíveis perdas significativas de informação, implicando no seu valor e disseminação.

Segundo Araújo e Santos (2014, p. 16), quando falando sobre as aplicações feitas na coleção de livros de artista na qual eram responsáveis:

O desafio da catalogação das obras da Coleção Livros de Artista perpassaram, principalmente, pela apreensão do livro como uma obra de arte e a necessidade de integrar a prática e a pesquisa. Neste sentido, surgiram questões de como catalogar uma obra de arte, no caso da Coleção, obras de arte contemporânea. Obstáculos, como a ausência de um sistema de catalogação de obras de arte, bem como de regras de catalogação para arte contemporânea geraram dúvidas e incertezas, mas sobretudo motivações.

Um aspecto interessante que vale salientar é que, o livro de artista faz parte de uma série de mesclas de manifestações da arte advindas do século passado e que penetram a era contemporânea. Partindo deste cenário, temos um conjunto de objetos que rompem com uma série de fatores técnicos previamente estabelecidos entre as áreas que gerem a organização da informação, muitas vezes fazendo com que estes materiais não se aloquem devidamente e deturpem essas lógicas pré-estabelecidas. Por um certo ponto de vista, um dos maiores ganhos que os livros de artista apresentam as coleções que permeiam e a ampliação de estudos nos campos sobretudo da Biblioteconomia e Ciência da Informação é justamente a criação de um diálogo entre áreas, e a expansão de modelos e técnicas mistas que tentem suprir suas necessidades.

Identificar quem produziu a obra, em quais contextos, sob o uso de quais técnicas, a partir de qual forma de reprodução, são algumas das questões que precisam ser respondidas para que a identificação e, subsequentemente, a descrição de um livro de artista, sejam feitas. (Barboza; Saldanha, 2018, p. 191)

Partindo destas percepções, acreditamos ser inerente o desenvolvimento e ampliação de estudos sobre esse conjunto de objetos, e por consequência conjunto documental, que atua de forma provocativa e carregada de potenciais analíticos sobre as práticas dos campos.

Além disso, a disciplina de Informação em Arte é um campo de desenvolvimento relativamente recente dentro do campo, e tais objetos podem corroborar e atuar na ampliação dos olhares e percepções possíveis de obras de arte enquanto objetos informacionais de amplo valor não só pela ótica estética, mas também cultural, histórica e social, e neste caso em específico, editorial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro de artista apresenta um grande potencial dentro de acervos diversos, podendo ser um diferencial inclusive no que concerne um acesso de forma mais ampla da sociedade ao campo de produções artísticas. Outro aspecto importante de ser frisado é a sua grande relevância e possibilidades de estudos no que concerne aspectos voltados à informação e(m) arte.

Tais objetos não são apenas expressões artísticas, sendo também imbuídos de significado e grande valor informacional, especialmente para a Ciência da Informação. Enquanto documentos complexos que alteram em determinados casos lógicas pré-concebidas a determinados fazeres técnicos, se fazem meios motores a ampliação de discussões sobre novas abordagens que considerem sua natureza híbrida, o que expande as fronteiras da Ciência da Informação e amplia as discussões interdisciplinares do meio, sobretudo quando pautadas pelos estudos da Informação em Arte.

A maior conexão entre artefato (livros de artista) e campo (Ciência da Informação) reside na natureza destes itens enquanto objetos informacionais de múltiplos níveis (artístico, cultural, estético, histórico e material), que requerem um arcabouço metodológico no que tange o tratamento, organização, gestão e acesso à informação, preservando e destacando seus valores históricos e simbólicos. Além disso, atuam como objetos informacionais que ampliam as relações de pesquisa sobre os fluxos e mediações nas sociedades contemporâneas, neste caso, dos fluxos da e pela arte.

Todavia, fica clara a necessidade de maiores estudos dentro do campo informacional que discorrem sobre o tema. A partir das observações e levantamentos realizados para a pesquisa de dissertação, da qual este artigo se desdobra enquanto reflexão, percebeu-se que a quantidade de produção sobre a temática é extensa, porém, partindo majoritariamente do universo de seu aspecto produtor (artes plásticas e visuais, seus artistas, seus críticos, historiadores, entre outros), sendo ainda incipiente os estudos voltados a sua tratativa técnica

(indexação, catalogação, formas de acondicionamento...), o que impacta diretamente na divulgação e potencialidade destes objetos. Além disso, se fazem inegáveis produtos de ricos estudos para a ampliação de pesquisas no campo da História do Livro, podendo ser ampliados e conectados também as percepções de estudos da Ciência da Informação.

Neste trabalho, a partir das breves apresentações conceituais, semânticas e históricas desses objetos tão complexos, buscamos instigar possíveis reflexões e novos estudos do campo sobre a temática. A provocação e difusão dos livros de artista enquanto meio de amplitude, não só das experimentações contemporâneas como também, de amplo acesso à arte e as relações de informação em arte.

Os livros sempre foram e continuam sendo aparatos importantes no desenvolvimento e avanço social, intelectual e cultural dentro das sociedades, e frente aos novos tempos, novos meios e mídias, estes se ampliam cada vez mais em suas possibilidades e desafios. Consideramos que os livros de artista são ricos materiais que atuam na soma de valor as pesquisas históricas e amplitude de debates sobre a forma do livro, para além de ser um objeto de ampliação conceitual aos estudos de Informação em Arte.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que é Ciência da Informação? **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 1-30, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2014v19n1p01>. Acesso em: 3 dez. 2024.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Uma história intelectual da Ciência da Informação em três tempos. **RACIn**, João Pessoa, v. 5, n. 2, p. 10-29, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/39872>. Acesso em: 10 set. 2023.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; SANTOS, Magna Lucia dos. Coleção livro de artista da Universidade Federal de Minas Gerais: processos biblioteconômicos em um acervo especial. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS SNBU, 18., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2014. p. 1-19. Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/wp-content/uploads/trabalhos/646-2029.pdf>. Acesso em: 29 set. 2018.

ARTE CONCEITUAL. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023a. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3187/arte-conceitual>. Acesso em: 07 de março de 2023. Verbete da Enciclopédia.

ARTE POP. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023b. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo367/arte-pop>. Acesso em: 07 de março de 2023. Verbete da Enciclopédia.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

BARBOZA, Andréa da Silva. **Livro de Artista**: Estudo conceitual na coleção Paulo Herkenhoff do Museu de Arte do Rio. 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Biblioteconomia, Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11174>. Acesso em: 28 out. 2019.

BARBOZA, Andréa da Silva; SALDANHA, Gustavo. O livro de artista, o colecionador e a coleção no museu: um itinerário intersubjetivo da coleção de livros de artista de Paulo Herkenhoff no Museu de Arte do Rio. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 8, n. 2, p. 176-191, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/133575/133894>. Acesso em: 28 out. 2019.

BUCKLAND, Michael. Information as a thing. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, v.42, n.5, p.351-360, 1991.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 2003. Disponível em: www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 18 jul. 2023.

COELHO, Igor Alves. **Primeira página**: um olhar biblioteconômico sobre o livro de artista. 2019. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) - Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/24451>. Acesso em: 02 abr. 2024.

DRUCKER, Johanna. **The Century of Artists' Books**. New York: Granary Books, 2004. xxii, 378 p.

FABRIS, Annateresa; COSTA, Cacilda Teixeira da. **Tendências do livro de artista no Brasil**. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1985.

LIMA, Diana Farjalla. Acervos artísticos e informação: modelo estrutural para pesquisas em Artes Plásticas. *In*: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; GONZALEZ DE GOMEZ, Maria Nélida (Org.). **Interdiscursos da ciência da informação**: arte, museu e imagem. Rio de Janeiro; Brasília: Ibict/DEP/DDI, 2000. 228 p.

NEVES, Galciani. Entre páginas e não páginas: breve inventário de livros de artistas. *In*: DERDYK, Edith (org.). **Entre ser um e ser mil**: o objeto livro e suas poéticas. São Paulo: Senac São Paulo, 2013. p. 61-91

PHILLPOT, Clive (Ed.). An ABC of artist's books collections. **Art Documentation**: Bulletin of the Art Libraries Society of North America, Arizona, v. 1, n. 6, p.169-181, dec. 1982.

PHILLPOT, Clive. Twentysix gasoline stations that shook the world: the rise and fall of cheap booklets as art. **Art Libraries Journal**, 1993. 4–13 p., 18(01). DOI: 10.1017/S0307472200008178. Acesso em: 29 ago. 2019.

PHILLPOT, Clive. **Booktrek**: selected essays on Artists's Books (1972-2010). Zurich; Dijon: JRP | Ringier; Les presses du réel, 2013.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

PINHEIRO, Lena Vania. Itinerários epistemológicos da instituição e constituição da Informação em Arte no campo interdisciplinar da Museologia e da Ciência da Informação. **Revista Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 9-17, jul./dez. 2008. ISSN: 1984-3917. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/9>. Acesso em: 02 abr. 2024.

PLAZA, Julio. O livro como forma de arte (I). **Arte em São Paulo**, São Paulo, n. 6, 1982a, Sem paginação. Disponível em: http://www.mac.usp.br/mac/expos/2013/julio_plaza/pdfs/o_livro_como_forma_de_artel.pdf. Acesso em: 28 nov. 2018.

PLAZA, Julio. O livro como forma de arte (II). **Arte em São Paulo**, São Paulo, n. 7, 1982b. Sem paginação. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/>. Acesso em: 28 nov. 2018.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada**: da ternura à injúria na construção do livro de artista. 2. Ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008. 319 p.

SMIT, Johanna. A informação na Ciência da Informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 84-101, 2012.